



CONFERÊNCIA DA FAMÍLIA FRANCISCANA



2023 | Um Centenário
2026 | articulado e celebrado
em vários centenários



Conferência da Família Franciscana

Prot. N. 01/2022

01 de janeiro de 2022

**A todos os Irmãos das nossas Ordens
À Família Franciscana**

**Caros Irmãos da Primeira Ordem, Irmãs Clarissas,
Irmãos e Irmãs da TOR e da OFS e JuFra,**

O Senhor vos dê a paz!

Há algumas semanas anunciámo-vos, com uma carta de 02 de outubro de 2021, a criação de uma Coordenação para o Centenário Franciscano. Instituímo-la para preparar bem o Centenário Franciscano, no qual recordaremos os 800 anos da Regra Bulada, do Natal de Greccio (2023), dos Estigmas (2024), do Cântico das Criaturas (2025) e, no seu auge, da Páscoa de Francisco (2026). Será "um Centenário articulado e celebrado em vários centenários".

Anunciámos que queríamos confiar a uma equipa de trabalho composta por especialistas, a tarefa de oferecer uma linha de trabalho para o aprofundamento carismático das etapas do Centenário, para a formação contínua e inicial de todos os irmãos e irmãs da Família Franciscana, isto é, para formação nas nossas Províncias, Custódias, Fraternidades OFS e outras jurisdições. A nossa intenção era poder oferecer algumas linhas comuns para o aprofundamento carismático nas nossas fraternidades e nas várias realidades que caminham connosco.

Hoje temos o prazer de poder entregar-vos o texto preparado pelo grupo dos nossos irmãos e irmãs, e que fizemos nosso. Temos diante de nós um texto que se presta a um uso multifacetado e que nos ajuda a viver este caminho em comunhão. Ele oferece: orientações para a organização dos vários centenários a nível local, um esquema para preparar os nossos cursos de formação, um instrumento ágil e qualificado para poderem trabalhar sobre as temáticas dos diferentes centenários que articulam este único centenário 2023-2026, coroado pela celebração dos 800 anos da Páscoa do Pai Seráfico.

Confiando-vos este instrumento, desejamo-vos uma boa leitura, bom trabalho, bom Centenário!

Fraternamente vossos

Deborah Lockwood OSF
Presidente IFC-TOR

Tibor Kauser OFS
Ministro Generale

Massimo Fusarelli OFM
Ministro Generale

Roberto Genuin OFM Cap
Ministro Generale

Carlos Alberto Trovarelli OFM Conv
Ministro Generale

Amando Trujillo Cano TOR
Ministro Generale



Observações gerais

1. Temas

Os cinco centenários fazem parte de um único projeto temático, que se desenvolverá de forma gradual e harmoniosa de acordo com a cronologia dos eventos celebrados.

Os temas-chave propostos para a celebração dos centenários serão considerados a partir de múltiplas perspectivas, presentes em cada celebração, que se referem especificamente à dimensão teológica (*o nosso ser em Cristo*), antropológica (*o nosso ser irmãos e irmãs*), eclesiológica (*o nosso ser em comunhão*) e sociológica (*o nosso ser no mundo*).

As bases teológicas de referência serão os documentos do magistério da Igreja lidos a partir da perspectiva carismática franciscana. A celebração dos centenários torna-se uma ocasião propícia para apoiar, como Família Franciscana, a reforma eclesial que o Papa está a levar a cabo no seu pontificado.

A celebração dos centenários tem fundamentalmente o propósito e a finalidade de orientar decisivamente o nosso olhar para o futuro e reforçar carismaticamente a nossa identidade franciscana.

2. Destinatários

Em primeiro lugar, é de notar que os temas propostos devem ser pensados e elaborados por irmãos e irmãs de todos os continentes. Por conseguinte, é necessário um critério para a integração de todas as culturas.

A celebração dos centenários é, sem dúvida, uma boa oportunidade para tornar visível a Família Franciscana na sua totalidade. Seria muito oportuno que a nível nacional e/ou regional todas as atividades e iniciativas fossem coordenadas por uma comissão representativa de toda a Família Franciscana.

Ad intra e Ad extra: Os centenários não se destinam apenas a ter um impacto positivo na Família Franciscana em si mesma. É necessário colocar imaginação e criatividade para que também tenham o seu impacto em ambientes sociais e culturais não eclesiais.



3. Metodologia

Já referimos a importância das dimensões (teológicas, antropológicas, eclesiológicas e sociológicas) que, como eixos transversais, devem garantir a unidade e o encadeamento temático do caminho comemorativo plurianual. Todas as dimensões são importantes nos programas *ad intra* e, talvez, as dimensões antropológicas e sociológicas possam ser enriquecidas nos programas *ad extra*.

Corre-se o risco das propostas se manterem demasiado centradas no aspeto teórico e intelectual, pelo que seria conveniente indicar em cada um dos temas *o objetivo* desejado com o tema proposto e alguma ação que dinamize a dimensão *experencial e prática*.

As ações são sugeridas de uma forma muito geral, uma vez que deverão ser concretizadas a partir dos diferentes contextos concretos.

Os temas de conteúdo prestam-se a enriquecer e aprofundar através de conferências, reuniões, capítulos das Esteiras, exposições, peregrinações, experiências de missão, etc.



Celebrando o Centenário como Família Franciscana

Tres ordines hic ordinat: primumque fratrum nominat minorum pauperumque fit dominarum medius sed poenitentium tertius sexum capit utrumque.

Ele organiza três Ordens: a primeira chamada dos Frades Menores, a segunda torna-se das pobres senhoras e a terceira dos penitentes que inclui ambos os sexos.

É assim que nos faz rezar a antiga antífona de Laudes do *Ofício Rítmico* de Juliano de Spira, composto em 1235 para a canonização de São Francisco de Assis, em que se lembra a filiação direta entre o Santo e as três Ordens: a primeira dita dos Frades Menores, a segunda das pobres senhoras e a terceira, a dos homens e mulheres desejosos por seguir Jesus no caminho da penitência indicado por Francisco. Na antífona, a escolha do verbo *ordinat* quer recordar a co-organização própria da Família Franciscana, que não pode ser reduzida a uma estrutura jurídica, mas antes recorda uma reciprocidade inerente, no vínculo de comunhão que é típico do carisma franciscano.

A plenitude do dom recebido pelo Poverello de Assis do divino Doador é assim cumprida em complementaridade e comunhão vital mútua, que é o propósito da vida para “todos aqueles que amam o Senhor com todo o coração” (*Carta a todos os Fiéis - primeira redação*, nº 1). Por isso, queremos celebrar como Família Franciscana, juntamente com todos aqueles que se sentem atraídos pela beleza evangélica do Poverello (cfr. *Laudato si'* 10), estes centenários que nos oferecem uma preciosa oportunidade para reviver a riqueza do nosso carisma com um olhar profético para o futuro.

E queremos fazê-lo de acordo com a lógica do dom recebido e dado. Na verdade, Francisco de Assis, como nos dizem as fontes hagiográficas, morre nu, sem nada próprio: “Pede que o transportassem para Santa Maria da Porciúncula, para entregar a Deus o espírito da vida [...] num ímpeto de fervor lançou-se completamente nu para a terra nua” (Le-



Celebrando o Centenário como Família Franciscana

genda Maior 14, 3). Toda a sua vida foi uma jornada de vida *sine proprio*, isto é, de restituição, desde o início da sua conversão, porque só o homem que não guarda nada para si mesmo, mas dá tudo de si mesmo, consegue caminhar em fraternidade, guiado pelo desejo do Sumo Bem: “E restituamos ao Senhor Deus altíssimo e soberano todos os bens e reconheçamos que todos os bens são seus e de tudo demos-lhe graças, já que todos procedem dele” (*Regra não Bulada* 17, 17).

O Poverello foi capaz de reconhecer que tudo na sua vida era um dom gratuito do amor de Deus, como ele próprio afirma no seu Testamento: “O Senhor deu-me a graça de começar a fazer penitência... o Senhor deu-me irmãos... o mesmo Altíssimo me revelou que devia viver segundo a forma do Santo Evangelho” (*Testamento*, 1-14). Ele não só recebeu os dons divinos, mas também escolheu devolvê-los, por isso, hoje, 800 anos depois, podemos celebrar como Família Franciscana estes cinco centenários que nos convidam a viver segundo a lógica do amor acolhido, que se torna doação e restituição.

Começemos, irmãs e irmãos, porque agora cabe-nos a nós devolver e restituir os dons que o Irmão Francisco nos deu.



Celebrar a Regra 1223-2023

Textos

Regra Bulada 1, 1; *Regra de Santa Clara* 1, 1; *Regra dos Irmãos e Irmãs da Terceira Ordem Regular* 1, 1; *Regra dos Irmãos e Irmãs da Ordem Franciscana Secular*, 4; *Testamento* 14-15; *Anónimo Perusino*, 11.

Todos os membros da Família Franciscana professam uma Regra que se torna uma forma de vida e que consiste em observar o Evangelho. Celebrar a *Regra Bulada* lembra-nos que, para Francisco de Assis, o núcleo dele é o Evangelho, como afirma no *Testamento*: “O mesmo Altíssimo me revelou que devia viver segundo a forma do Santo Evangelho. E eu assim o fiz escrever em poucas e simples palavras, e o senhor Papa mo confirmou” (*Testamento*, 14-15). A escuta orante das palavras de Jesus Cristo fê-lo excluir juntamente com os seus primeiros irmãos: “Aqui está o que desejávamos, aqui está o que procurávamos!”. E o bem-aventurado Francisco acrescentou: “Esta será a nossa regra” (*Anónimo Perusino*, 11).

Nenhum membro da Família Franciscana professa a sua Regra em privado, porque é chamado a viver o Evangelho na fraternidade. É importante recordar que Francisco compõe a *Regra Bulada* durante um período da sua vida em que tem de enfrentar numerosas tensões e crises a nível fraterno, mas ele não renuncia à profecia de viver como irmão de todos e convida-nos a fazer o mesmo. Hoje, a Igreja, ao promover a sua dimensão sinodal e comunitária, apresenta a figura de Francisco de Assis como um modelo de fraternidade, chamando-o de “Santo do amor fraterno” (*Fratelli tutti* 2), porque os seus gestos e palavras ainda podem, ao fim de 800 anos, iluminar o caminho de uma comunidade eclesial que procura tornar-se uma Igreja em saída, sinodal, ouvindo todos, perto dos mais pequenos, portador de uma boa notícia que tem a força para preencher com alegria e significado a vida de quem a acolhe (cfr. *Evangelii Gaudium* 21).

Celebrar a *Regra Bulada* como Família Franciscana é uma oportunidade para nos conhecermos melhor, promover a comunhão e a confiança



Celebrar a Regra (1223-2023)

O nosso ser em Cristo

mútua entre nós, redescobrir a importância de sonhar juntos e abrir novos caminhos evangélicos que nos permitam tornar-nos uma fraternidade aberta e extrovertida, construtora de uma nova cultura, a cultura do encontro e da amizade social, uma fraternidade que quer chegar a todos os membros da sociedade, “cada qual com a riqueza da sua fé ou das suas convicções, “cada qual com a sua própria voz, mas todos irmãos!” (*Fratelli tutti* 8).

A Regra consiste em “observar o Santo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo” (*Regra Bulada* 1, 1).

Objetivo

Amar e conhecer sempre melhor a Regra que professamos.

Ações

- Verificar que lugar ocupa, na nossa vida quotidiana, o Evangelho e a Regra que professámos.
- Utilizar excertos da nossa Regra para enriquecer a vida de oração.
- Confrontarmo-nos constantemente com a nossa Regra, de tal forma que possa iluminar o discernimento pessoal e fraterno.

O nosso ser irmãos e irmãs

“Se a mãe cria e ama o seu filho carnal, com quanta mais solicitude não deve cada um amar e ajudar a seu irmão espiritual?” (*Regra Bulada* 6, 8).

Objetivo

Redescobrir a importância básica da Regra para salvaguardar e nutrir a vida fraterna.

Ações

- Organizar dias de estudo e reflexão em torno da nossa Regra para encontrar juntos, em fraternidade, as formas mais adequadas de a encarnar nas nossas atividades diárias.
- Fomentar espaços de encontro que nos permitam melhorar a qualidade das relações dentro das nossas famílias, das nossas fraternidades, nos contextos de trabalho, etc.
- Promover iniciativas, juntamente com os outros membros da Família Franciscana, que fomentem o conhecimento recíproco e aumentem a comunhão fraterna.



Celebrar a Regra (1223-2023)

O nosso ser em comunhão

“Na fé católica, observemos a pobreza, a humildade e o Santo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, que firmemente professamos”.
(*Regra Bulada* 12, 4)

Objetivo

Restaurar o sentido e significado da nossa forma de viver a Regra na Igreja, promovendo a fraternidade e a sinodalidade como estilos eclesiais.

Ações

- Verificar se o modo de viver a nossa Regra, que professámos na Igreja, nos impele a realizar o nosso trabalho pastoral e as nossas atividades apostólicas em comunhão com a Igreja local e universal.
- Participar no caminho sinodal realizado nas nossas Igrejas locais, valorizando a variedade de dons e de carismas que o Espírito Santo inspira em benefício de toda a família humana.
- Sempre que possível, renovar publicamente a profissão da nossa Regra.

O nosso ser no mundo

“Quando vão pelo mundo, não litiguem nem questionem, nem censurem os demais” (*Regra Bulada* 3, 10).

Objetivo

Partindo do nosso testemunho de fraternidade e de minoridade na vivência da nossa Regra, colaborar na construção de laços de unidade dentro da sociedade e das instituições que a constituem.

Ações

- Promover propostas destinadas a revigorar as relações entre membros das comunidades cristãs, bem como entre comunidades e outros grupos sociais e religiosos, alimentando a cultura do encontro e da amizade social.
- Valorizar a força evangelizadora do património cultural e artístico presente na Família Franciscana, para que se torne um instrumento de encontro e diálogo com a sociedade contemporânea.





Celebrar o Natal de Greccio 1223-2023

Textos

1 Celano 84-87; *Exortação I*, 16-21; *Carta a toda a Ordem* 26-29; *Ofício da Paixão do Senhor*, Salmo XV.

Tomás de Celano, ao apresentar a história da celebração do Natal em Greccio, refere-se às motivações que empurram Francisco de Assis para montar o presépio e celebrar a Eucaristia numa gruta. O Poverello pára em Greccio porque quer considerar a concretização da encarnação, ou seja, a simplicidade, a pobreza e a humildade do Filho de Deus “que a Si mesmo se nos deu com sumo e inefável amor” (*1 Celano* 87). Encontramos a mesma dinâmica na contemplação da Eucaristia. Na verdade, Francisco convida-nos não só a ver com os olhos do corpo, mas também a contemplar com os olhos do espírito a humildade e a concretização do amor divino, que é oferecida na Eucaristia: “Eis que ele se humilha cada dia, como quando baixou do seu trono real a tomar carne no seio da Virgem; cada dia vem até nós em aparências de humilde; cada dia desce do seio do Pai, sobre o altar” (*Exortação I*, 16-18).

Celebrar como Família Franciscana o centenário do Natal de Greccio é um convite a parar diante do mistério da encarnação para contemplar a grandeza do amor divino pela humanidade. O Filho de Deus também se torna Filho do Homem, torna-se um de nós, nosso irmão (cfr. *Carta a todos os Fiéis* - 2ª redação, 56). A nossa fé na encarnação exorta-nos a descobrir as *semina Verbi* presentes em todas as culturas e na sociedade contemporânea, de forma a fazer florescer as sementes da humanidade ali encontradas. Além disso, exorta-nos não só a defender a vida, mas também a tornarmo-nos instrumentos de vida e humanidade nas nossas famílias e fraternidades, ao ponto de chegarmos àqueles que já não são considerados humanos, mas apenas de desperdício social. A concretização com que Francisco de Assis celebrou o mistério da encarnação em Greccio convida-nos a recuperar a consciência de “que somos depositários de um bem que humaniza, que ajuda a levar uma nova vida. Não há nada melhor para transmitir aos outros” (*Evangelii Gaudium* 264).



Celebrar o Natal de Greccio (1223-2023)

No dia de Natal, o Poverello rezou junto com os seus confrades: “Eis o dia que o Senhor fez: exultemos e alegremo-nos com eles! Porque nos foi dado o santíssimo e dileto Menino, e por nós nasceu durante uma viagem e foi deitado num presépio, por não havia lugar para ele na estalagem” (*Ofício da Paixão* V, 6-7). Recordando o centenário do presépio de Greccio, somos convidados a considerar não só qual é o lugar que Jesus ocupa nos nossos corações, mas também se há espaço para aqueles com quem Ele queria identificar: “Em verdade vos digo: sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizestes” (Mt 25, 40). Cristo Jesus, com a sua encarnação, eliminou todas as distâncias que o separavam da humanidade e chama-nos a fazer o mesmo, isto é, a nos aproximarmos dos nossos irmãos e irmãs para acolhê-los, tocá-los com misericórdia, como nos lembra o Magistério da Igreja: “Com a simplicidade daquele sinal, São Francisco realizou uma grande obra de evangelização. (...) De modo particular, desde a sua origem franciscana, o Presépio é um convite a «sentir», a «tocar» a pobreza que escolheu, para Si mesmo, o Filho de Deus na sua encarnação, tornando-se assim, implicitamente, um apelo para O seguirmos pelo caminho da humildade, da pobreza, do despojamento, que parte da manjedoura de Belém e leva até à Cruz, e um apelo ainda a encontrá-Lo e servi-Lo, com misericórdia, nos irmãos e irmãs mais necessitados” (*Admirabile signum* 3).

O nosso ser em Cristo

“Deus amou tanto o mundo que entregou o seu Filho Unigénito” (Jo 3:16).

Objetivo

Renovar a nossa vida de fé para que se torne mais encarnada e concreta.

Ações

- Recuperar a consciência de que a vida quotidiana, com as suas alegrias e dificuldades, é um lugar privilegiado de encontro com o Senhor.
- Assegurar uma adequada importância à vida litúrgica e sacramental, para progredir na vida da fé.
- Verificar o modo como celebramos o Natal e outras festas litúrgicas para ver se refletem a simplicidade, a pobreza e a humildade desejadas por Francisco de Assis.

O nosso ser irmãos e irmãs

“Ó homem, considera a quanta grandeza o Senhor Deus te levantou, pois ele criou, dando-te um corpo à imagem do seu Filho dileto, e dando-te um espírito à sua própria semelhança” (*Exortação* V, 1).

Objetivo

Recuperar um olhar integral, livre de divisões e dicotomias, sobre o ser humano e sobre a sua constitutiva reciprocidade homem-mulher.



Celebrar o Natal de Greccio (1223-2023)

O nosso ser em comunhão

Ações

- Assegurar que as propostas formativas das nossas fraternidades favoreçam a implementação de processos formativos integrais, do ponto de vista humano, espiritual e interpessoal.
- Incentivar iniciativas concretas que contribuam para superar todas as formas de oposição entre homens e mulheres, leigos e padres ou pessoas consagradas.

“Salve, Senhora santa Rainha, santa Mãe de Deus, Maria, virgem convertida em templo” (*Saudação à Bem-aventurada Virgem Maria*, 1).

Objetivo

Viver em minoridade a nossa pertença eclesial.

Ações

- Verificar se o nosso serviço pastoral nas comunidades eclesiais reflete a dimensão materna da Igreja e se caracteriza pela humildade e pela pobreza, que são reveladas na Encarnação e na Eucaristia.
- Rever o nosso modo de celebrar a Eucaristia, para que esta possa ser vivida autenticamente como fonte e cume da vida cristã e uma nascente de comunhão e fraternidade.
- Trazer a proximidade maternal da Igreja aos nossos irmãos e irmãs que estão nas periferias existenciais das nossas comunidades eclesiais.

O nosso ser no mundo

“Deus disse: ‘Façamos o homem à nossa imagem, à nossa semelhança’” (Gn 1, 26).

Objetivo

Amar e servir todos os seres humanos, promovendo a sua dignidade como criatura, feita à imagem e semelhança de Deus.

Ações

- Criar espaços de reflexão e debate a favor da dignidade de cada vida humana, que conduza a um compromisso a favor da defesa da vida, desde a concepção até à morte natural.
- Promover ações destinadas a defender os direitos das mulheres.
- Prestar assistência aos pais que têm dificuldades em acompanhar o crescimento e a educação dos filhos.
- Ajudar os vários centros de acolhimento para crianças órfãs, para crianças de rua, para jovens sujeitos a qualquer tipo de dependências, etc.



2023
2026



Celebrar o dom dos estigmas 1224-2024

Textos

1 Celano 94-95; Legenda Maior 13, 1-10; Louvores ao Deus Altíssimo; Bênção a Frei Leão; 2 Celano 49.

As fontes hagiográficas dizem-nos que Francisco de Assis, após um período intenso de atividade apostólica, retirou-se para La Verna para realizar uma quaresma de jejum e oração, de acordo com era habitual. É precisamente neste contexto de silêncio e oração que o Poverello recebe a visita do Serafim alado, uma vez que só o silêncio permite ouvir e acolher aquele que fala. Em La Verna, o profundo desejo que animava o Poverello para seguir Cristo e conformar-se totalmente a Ele é realizado no encontro com o Crucificado, que imprime no seu coração e corpo os sinais do amor. São Boaventura resume assim a experiência de Francisco: “O amor autêntico a Cristo transformou o amante na própria imagem do Amado” (*Legenda Maior* 13, 5). O encontro com o Amado torna-se um cântico de louvor; por isso, Francisco, após o encontro com o Crucificado, compõe os *Louvores ao Deus Altíssimo*, uma oração que flui de um coração apaixonado, totalmente centrado no Tu divino: “Tu és santo, Senhor Deus único, o que fazes maravilhas. Tu és forte, Tu és grande, Tu és altíssimo...” (*Louvores ao Deus Altíssimo*, 1-2).

Celebrar como Família Franciscana o centenário da impressão dos estigmas é um convite para recuperar na nossa vida quotidiana aquela dimensão do silêncio orante e contemplativo que nos coloca diante do essencial, que nos permite reconhecer o desejo pelo infinito que reside nos nossos corações, que nos permite escutar a nós mesmos, aos outros e a Deus. Na verdade, ainda hoje o Poverello é apresentado como uma pessoa que fez da escuta um modo de vida: “São Francisco de Assis escutou a voz de Deus, escutou a voz dos pobres, escutou a voz do enfermo, escutou a voz da natureza. E transformou tudo isso num estilo de vida. Desejo que a semente de São Francisco cresça em tantos corações” (*Fratelli tutti* 48).



Celebrar o dom dos estigmas (1224-2024)

Depois de receber os sagrados estigmas, “Francisco desceu do monte, trazendo consigo a imagem do Crucificado, não esculpida em blocos de pedra ou de madeira por qualquer mão habilidosa, mas reproduzida na própria carne pelo dedo do Deus vivo” (*Legenda Maior* 13, 5). E assim como foi tocado pelo dedo de Deus, agora ele próprio vai ao encontro dos pobres, dos doentes e dos necessitados para tocá-los, para lhes transmitir o amor divino. O encontro com o Crucificado leva Francisco ao encontro com os crucificados da história, cuja dor deseja aliviar, como no episódio do homem atormentado pelo frio, narrado por São Boaventura: “Inflamado pelo fogo do amor divino, Francisco só lhe estendeu a mão e lhe tocou-lhe. Espantoso! Ao contacto dessa mão sagrada, que trazia o incêndio das brasas do Serafim, o homem deixou de sentir frio e teve a sensação de se encontrar numa corrente de ar quente, como a sair da porta de um forno” (*Legenda Maior* 13, 7). Recordar e celebrar Francisco tocado pelo Crucificado, exorta-nos a sair de nós mesmos para “tocar a carne sofredora de Cristo nos outros” (*Gaudete et Exsultate* 37) e, ao mesmo tempo, a deixar-nos ser tocados e desafiados por muitas situações dramáticas de dor e sofrimento em que se encontram imersos tantos dos nossos irmãos e irmãs de todo o mundo.

O nosso ser em Cristo

“Carrego no meu corpo os estigmas de Jesus” (Gal 6:17).

Objetivo

Renovar o modo como vivemos a nossa comum vocação cristã, para chegar a uma autêntica configuração com o Cristo pobre e crucificado, de modo a trazer os estigmas da sua presença em nós.

Ações

- Revitalizar os espaços de encontro com o Senhor, que já estão presentes na nossa vida pessoal.
- Recuperar o valor do silêncio como condição fundamental para poder escutar Deus, a nós mesmos e aos outros.
- Utilizar os caminhos ascéticos que a Igreja e a nossa tradição franciscana nos oferecem, para que os nossos desejos, purificados de qualquer forma de egoísmo, estejam centrados apenas em Deus.

“Recebestes de graça, dai de graça” (Mt 10,8).

Objetivo

Aprofundar a cultura da gratuidade e do dom, para que caracterizasse significativamente a nossa vida em conjunto.

O nosso ser irmãos e irmãs





Celebrar o dom dos estigmas (1224-2024)

O nosso ser em comunhão

Ações

- Fomentar, nas nossas famílias e fraternidades, uma atitude de verdadeiro diálogo, que permita a escuta, a compreensão, o conhecimento e o acolhimento recíproco.
- Encorajar gestos concretos de serviço altruísta, que expressem e concretizem o dom de nós mesmos.
- Vigiar as nossas palavras e os nossos julgamentos, para que “toquem” os outros sempre com misericórdia e compaixão.

“Fomos curados pelas suas chagas”.
(Is 53, 5)

Objetivo

Viver a nossa pertença eclesial testemunhando o amor misericordioso que flui do Crucificado.

Ações

- Incentivar a criação de espaços para escutar e acolher os jovens, os descartados, os excluídos e as minorias.
- Colaborar para que as nossas Igrejas locais possam tornar-se “igrejas em saída”, chegando ao encontro de todos aqueles que se distanciaram da fé, dos mais pequenos e dos necessitados.
- Apoiar iniciativas de natureza ecuménica e inter-religiosa, procurando contribuir para a “cura” das feridas que impedem a comunhão.

O nosso ser no mundo

“O mesmo Senhor me conduziu ao meio dos leprosos, e com eles usei de misericórdia” (*Testamento*, 2).

Objetivo

Deixar sermos tocados e interpelados pelas muitas situações de dor e sofrimento que encontramos nos ambientes em que vivemos e trabalhamos.

Ações

- Exercitarmo-nos na arte de contemplar Cristo nos sofrimentos e nas dificuldades das pessoas que conhecemos diariamente.
- Servir com dedicação e ternura as feridas do corpo e do espírito de todos aqueles que, à nossa volta e nas nossas fraternidades, estão aflitos e sem esperança.
- Promover o encontro com aqueles que não acreditam em Deus ou não professam qualquer religião, favorecendo iniciativas comuns destinadas a ajudar os pobres e necessitados.





Celebrar o Cântico das Criaturas 1225-2025

Textos

Cântico das Criaturas; *Legenda Perusina*, 83; *Espelho de Perfeição*, 100-101 e 120; *2 Celano*, 165; *Legenda Maior* 9, 1.

Francisco de Assis está agora quase completamente cego quando compõe o *Cântico das Criaturas*. No entanto, com um olhar de fé cheio de gratidão, contempla as maravilhas da criação e consegue compreender a presença do Criador que lhes dá sentido. Todas as criaturas, espelho das perfeições divinas, são irmãos e irmãs porque são obra e dom do mesmo Autor. Todas juntas constituem o coro da criação, que contempla, louva e agradece a Deus Criador, “o grande Esmoler” que dá amplamente e com bondade (*2 Celano* 77). O *Cântico* é a expressão e a confissão conclusiva da vida do Poverello, que recapitula todo o seu caminho de conformação a Cristo, o Filho amado. A sua fé na paternidade de Deus torna-se um canto de louvor que proclama a fraternidade de todas as criaturas e a sua beleza. Na verdade, “Francisco via, nas coisas belas, a beleza suprema do Criador, e pelas pegadas que ele deixara impressas nas coisas, ia seguindo o Bem-amado, de tudo se servindo como escada para subir e chegar àquele que é todo desejável” (*Legenda Maior* 9, 1).

Celebrar como Família Franciscana o centenário do *Cântico das Criaturas* leva-nos a uma mudança radical na nossa relação com a criação, que consiste em substituir a posse pelos os cuidados da nossa casa comum. Na verdade, cada um de nós deve responder a estas perguntas com sinceridade: Como quero viver a relação com as outras criaturas? Como um dominador que arroga para si mesmo o direito de fazer com eles o que quer? Como consumidor de recursos que vê neles uma oportunidade de aproveitar os mesmos? Ou como um irmão que pára diante da criação, admira a sua beleza e cuida da vida? Estamos perante um desafio antropológico e ecológico que determinará o nosso futuro, porque está ligado ao futuro da nossa Mãe e Irmã Terra. Somos convidados a reencandidá-lo à sociedade contemporânea “a língua da fraternidade e da beleza na nossa relação com o mundo” (*Laudato si'* 11). A atual crise ecológica revela-nos que “o ambiente humano e o am-



O nosso ser em Cristo

biente natural degradam-se em conjunto” (*Laudato si’* 48). Esta consciência permite-nos compreender que o ambiente humano e o ambiente natural são preservados e embelezados em conjunto, da mesma forma. Cuidar da casa comum sem cuidar da casa interior, o nosso coração, não é o caminho certo: precisamos de uma conversão ecológica e integral ao mesmo tempo, porque “a crise ecológica é um apelo a uma profunda conversão interior” (*Laudato si’* 217). De facto, a última estrofe do *Cântico* lembra-nos que só aqueles que têm um coração livre, capaz de parar a lógica do ódio e da vingança através do perdão, podem tornar-se instrumentos de reconciliação e harmonia, profecia de fraternidade, como o próprio Francisco, que viveu “numa maravilhosa harmonia com Deus, com os outros, com a natureza e consigo mesmo” (*Laudato si’* 10).

“Louvado sejas meu Senhor, com todas as tuas criaturas, especialmente o meu senhor irmão Sol, o qual faz o dia e por ele nos alumias. E ele é belo e radiante, com grande esplendor: de ti, Altíssimo, nos dá ele a imagem” (*Cântico das Criaturas* 3-4).

Objetivo

Recuperar um olhar contemplativo que saiba reconhecer a presença e beleza do Criador, que se revela em todas as criaturas.

Ações

- Dedicar frequentemente tempo adequado à contemplação da criação, para compreender a sua beleza e agradecer a Deus por ela.
- Utilizar o *Cântico das Criaturas* como inspiração para a oração e meditação, para que nos ajude a compreender os laços que nos unem a todas as criaturas.
- Examinar atentamente e pôr em prática de forma responsável as propostas operacionais presentes na encíclica *Laudato si’*, recorrendo às numerosas ajudas que as várias comissões da Família Franciscana publicaram.

“Tu és trino e uno... Tu és beleza” (*Louvores ao Deus Altíssimo* 3-4)

Objetivo

Redescobrir a importância da vocação comunitária, inscrita na nossa criação à imagem e semelhança do Deus da Trindade.

Ações

- Criar ocasiões para encontrar outros membros de famílias e fraternidades franciscanas, para descobrir a beleza e as coisas positivas encontradas nelas, e agradecer a Deus.

O nosso ser irmãos e irmãs





Celebrar o Cântico das Criaturas (1225-2025)

O nosso ser em comunhão

- Identificar quais são as ações que contribuem para a deterioração dos nossos laços com a criação, agravando a atual crise ecológica, para as superar de forma responsável.
- Empreender um decisivo caminho de conversão ecológica integral, que nos permita cuidar da nossa casa comum, promovendo e reforçando nas nossas famílias e fraternidades as práticas de redução de resíduos, reutilização de materiais, reciclagem, utilização responsável de recursos como a água, etc.

“A própria criação será libertada da escravatura da corrupção para alcançar a liberdade na glória dos filhos de Deus” (Rom 8, 21).

Objetivo

Ganhar consciência da nossa responsabilidade eclesial de promover a cura da relação entre o Criador e as criaturas e a recuperação da sua harmonia original.

Ações

- Aprofundar a consciência de que todos partilhamos a mesma casa e que, portanto, todos temos de cuidar dela.
- Promover iniciativas destinadas a alcançar uma economia inclusiva, em consonância com o magistério social da Igreja, como resposta concreta e alternativa às estruturas sociais que “descartam” as pessoas que não são economicamente produtivas.
- Dar maior espaço e visibilidade aos grupos eclesiais de Justiça, Paz e Integridade da Criação.

“Deus, vendo toda a sua obra, considerou-a muito boa” (Gn 1, 31).

Objetivo

Crescer na consciência de que o ambiente humano e o ambiente natural se protegem e embelezam reciprocamente.

Ações

- Colaborar com todas as pessoas de boa vontade para tornar a casa comum mais habitável.
- Promover o trabalho em rede com as várias organizações sociais e religiosas, que partilham connosco a preocupação de ouvir e dar uma resposta ao grito da terra e dos pobres.
- Promover uma cultura de diálogo e de fraternidade, indispensável para superar a cultura do lucro e do desperdício, através de iniciativas que envolvam todos, sem distinção de língua, cultura, etnia ou religião.





Celebrar a Páscoa de Francisco de Assis 1226-2026

Textos

Testamento; Testamento de Siena (cf. Legenda Perusina 59); 1 Celano 109; Legenda Maior 15; Última estrofe do Cântico das Criaturas.

Na sociedade contemporânea, o pensamento da morte é muitas vezes removido, não só porque nos lembra que somos criaturas limitadas, mas também porque deixa descobertos os títulos falsos que nos fazem sentir senhores do tempo e da vida. Francisco de Assis, por outro lado, saúda a irmã morte cantando, porque entendeu que não é o fim de tudo, mas o fim que nos permite entrar na plena comunhão com Deus. Na verdade, a vida é um dom que deve ser restituído: “Em conclusão: nada de vós mesmos retenhais para vós, a fim de que totalmente vos possua aquele que totalmente a vós se dá” (*Carta a Toda a Ordem* 29).

No final dos seus dias, Francisco contempla a sua vida e descobre a presença e a ação do Senhor em todo o lado, pelo que no Testamento repete como um refrão: “O Senhor deu-me, Irmão Francisco... O Senhor deu-me tão grande fé nas suas igrejas... deu-me o Senhor e dá-me tanta e tal fé... E, depois que o Senhor me deu o cuidado dos irmãos, ninguém me ensinava o que devia fazer, mas o mesmo Altíssimo me revelou que devia viver segundo a forma do santo Evangelho” (*Testamento* 1-14). É a mesma atitude de Clara de Assis quando escreve o seu Testamento, nos últimos dias da sua vida. Na verdade, Deus também é reconhecido por ela como o Doador, a quem se deve agradecer por todos os dons que concede, especialmente pelo da vocação (cfr. *Testamento de Santa Clara* 1-2).

Celebrar os 800 anos da Páscoa de Francisco de Assis é um convite para contemplar a nossa história pessoal e a da nossa Família Franciscana com um olhar de fé, que saiba compreender a presença e a ação divina em tudo, mesmo nas situações difíceis e dramáticas que vivemos ou que devemos viver no presente. É uma oportunidade para agradecer



a Deus por todos os dons que nos concedeu, especialmente pelo dom de Francisco de Assis e da sua experiência evangélica, que se tornou um carisma articulado em diferentes tons de discípulo e apostolado, e que ainda hoje tem a força para desafiar mulheres e homens de todas as culturas, dentro e fora da Igreja Católica.

Perto do seu trânsito, Francisco disse aos seus irmãos: «”Irmãos, começemos a servir o Senhor Deus, porque até agora pouco ou nada fizemos”. Julgava não ter chegado ainda à meta: perseverando incansável no propósito de uma santa renovação de vida, esperava poder recomeçar de novo. Estava disposto, inclusivamente, a colocar-se outra vez ao serviço dos leprosos» (1 *Celano* 103). A Páscoa de Francisco lembra-nos que todos os dias é uma oportunidade para recomeçar, para renovar a nossa resposta ao apelo do Senhor que nos envia ao mundo inteiro, como irmãos e irmãs, para dar testemunho com as palavras e as ações, de modo a atrair todos ao amor de Deus (cfr. *Paráfrase do Pai Nosso* 5).

Finalmente, celebrar o trânsito do Poverello é uma ocasião para lembrar que todos nós somos chamados à santidade, e que, tal como ele, somos convidados a refletir a beleza do Evangelho e da nossa vocação franciscana, porque “a santidade é o rosto mais belo da Igreja”. (*Gaudete et exsultate* 9)

O nosso ser em Cristo

“E atribuamos todos os bens ao Senhor Deus altíssimo e soberano, reconhecendo que todos lhe pertencem e dando-lhe graças por todos eles, já que dele procede todo o bem” (*Regra não Bulada* 17, 17).

Objetivo

Reconhecer Deus como o Doador a quem devemos restituir todos os bens com louvor e gratidão.

Ações

- Manter viva a consciência de que a nossa vida é um dom para ser restituído.
- Iluminados pelo *Testamento* de Francisco de Assis, refazer a nossa história pessoal tentando reconhecer nela a ação de Deus, para o agradecer e glorificar.
- Renovar um espírito de gratidão pelo dom da vocação cristã e por pertencer à Família Franciscana.





O nosso ser irmãos e irmãs

“O Senhor deu-me irmãos”.
(*Testamento* 14)

Objetivo

Celebrar o dom do Irmão Francisco e da fraternidade.

Ações

- Organizar dias de estudo e reflexão em torno da figura de Francisco de Assis e da espiritualidade franciscana para procurar em conjunto, em fraternidade, as formas mais adequadas para encarná-la no presente.
- Nas fraternidades, promover espaços de encontro e discussão, onde todos possam partilhar a forma como vivem o carisma franciscano, os seus sonhos, dificuldades, etc.
- Planificar, com os outros membros da Família Franciscana, espaços litúrgicos que nos permitam celebrar o dom do Irmão Francisco e da fraternidade.

O nosso ser em comunhão

“O Senhor deu-me tanta fé nas igrejas”.
(*Testamento* 4)

Objetivo

Celebrar na Igreja o dom do carisma de São Francisco.

Ações

- Promover o conhecimento do nosso carisma não só nas nossas comunidades, paróquias, centros educativos, etc., mas também onde não haja presença da Família Franciscana.
- Organizar, juntamente com os outros membros das nossas comunidades eclesiais, reuniões, liturgias, etc., para celebrar o dom que São Francisco representa para a Igreja.
- Propor Francisco de Assis como modelo de santidade e, portanto, de verdadeira humanidade, que nos ajuda a valorizar e desenvolver as sementes da humanidade que estão presentes em todas as culturas e na sociedade contemporânea.

O nosso ser no mundo

“Pois para isto vos enviou ao mundo: para que, por palavras e obras, deis testemunho da sua voz” (*Carta a Toda a Ordem* 8).

Objetivo

Apoiar a evangelização como oportunidade para restituir generosamente os dons recebidos.





Ações

- Incentivar as fraternidades a darem testemunho de esperança e de alegria através de iniciativas concretas de anúncio e evangelização.
- Educar-se para ler os sinais dos tempos com sabedoria, para reconhecer prontamente o quanto o Espírito está a trabalhar com criatividade e novidade entre os homens e mulheres do nosso tempo.
- Assumir o compromisso de estar presente e visitar, com frequência e disponibilidade, os irmãos e irmãs que vivem nos lugares mais periféricos e marginalizados, para lhes levar a palavra de alegria e salvação do Evangelho.
- Apresentar à sociedade a figura de Francisco de Assis e a história da nossa Família aproveitando o património cultural e artístico presente nas nossas fraternidades, igrejas, museus, etc.





CONFERÊNCIA
DA FAMÍLIA FRANCISCANA